

Donald Winnicott - Uma Visão Pessoal

Sérgio Kehdy¹, Belo Horizonte

Resumo: O autor traça um perfil daquilo que pensa ser a essência do pensamento de Winnicott, dentro da premissa de que cada um “cria” seu próprio Winnicott. Acredita que essa era sua intenção para ser coerente com seu pensamento. Descreve o que denominou “homem winnicottiano”, que se sente real, capaz de brincar, ser criativo e utilizar os objetos amorosos e também encontrar prazer em cuidar dos semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Winnicott. Homem. Brincar. Visão.

Masud Khan, em sua famosa Introdução do livro “Da Pediatria à Psicanálise” (1957/200, p. 46), afirma que

Winnicott era muito receptivo e aceitava com benevolência todas as compreensões que chegavam a ele sobre seus textos e pensamentos. Nada mais coerente consigo mesmo, pois o que ele mais pretendia era que cada um tivesse uma compreensão própria de suas ideias.

Esse texto é uma tentativa de mostrar minha compreensão atual do autor e os aspectos que mais me fascinam em sua imensa obra, a qual humanizou a psicanálise, a retirou da redoma da arrogância e nos trouxe a “ética do cuidado”. Valorizou o ambiente e conseguiu ver os pacientes como semelhantes e não como pessoas más, cujo único objetivo seria o de “boicotar” as análises ou atacar os analistas.

1 Médico Psiquiatra da ABP. Psicanalista Didata da SBPMG e da SPRJ. Grupo Mineiro de Winnicott.

Sérgio Kehdy

Pouco afeito a intelectualismo nunca usava seu saber para humilhar o próximo, não acreditava que o ódio fosse o princípio de tudo e muito menos da vida psíquica. Dizia-se freudiano, mas não usava os textos de Freud como escudo protetor. Apenas depois de muitas leituras de ambos é que se consegue ver pontos freudianos que influenciaram e impressionaram Winnicott. Outro aspecto que me atraiu foi a percepção de que foi um psicanalista “médico”, não no sentido de ser formado em medicina, mas no sentido do cuidar de seus pacientes. Existem milhares de analistas winnicottianos que não são formados em medicina e que exercem com maestria a ação fundamental de “debruçar sobre os pacientes”, de estarem juntos e atenderem às necessidades básicas para sobrevivência.

Nesse sentido, qualquer profissional com essas capacidades torna-se muito mais “médico” de almas, do que a maioria daqueles formados em medicina. Ele adorava falar para todos que se interessassem por crianças, pelo desenvolvimento emocional, em suma, para todos que se dispunham a cuidar de pessoas. Tinha capacidade de se preocupar com o outro (sem ingenuidade) muito desenvolvida. Imagino que tinha seu equilíbrio narcísico em harmonia, pois da mesma forma que não se voltou contra nenhuma das correntes dominantes na British Society, conseguiu também não se filiar a nenhuma e criou o famoso Middle Group, seguido por colegas que desejavam liberdade para pensar e para Ser.

A obra de Winnicott conseguiu grande sucesso, mas também foi e continua a ser criticada principalmente por aqueles que transformam a psicanálise em um exercício filosófico investigativo.

Não vou fazer revisões e nem sinopses dos conceitos, pois a teoria winnicottiana é bastante ampla e existem várias sistematizações.

Vou citar aqui a realizada por André Green e adaptada por Júlio de Mello Filho (1989, p.27).

- a) Teoria do Desenvolvimento, em que estuda com detalhes a relação mãe-bebê e as influências da família e do ambiente. Nesse tópico está a essência do pensamento de Winnicott, ou seja, a interação entre o inato imutável com o ambiente facilitador que propiciará o crescimento mental e o sentimento de existir. Aqui o papel do *holding* dado pelo ambiente será determinante para toda a existência.
- b) Teoria dos Impulsos, em que reestuda o papel da sexualidade. Traz os elementos masculinos e femininos e da agressividade relacionada ao desenvolvimento motor. Importante frisar a “a agressividade sem cólera”. Questiona a pulsão de morte.

Donald Winnicott - Uma Visão Pessoal

- c) Teoria do Objeto na qual descreve o objeto subjetivo que se transforma, quando tudo corre bem, em um objeto objetivo. Define objeto transicional e cria o conceito de Fenômenos Transicionais em Psicanálise, uma das perspectivas mais fundamentais de toda teoria psicanalítica.
- d) Teoria do Espaço, na qual formula a existência de um Espaço Potencial, de “uma zona intermediária entre a realidade interna e a externa, onde se realizam o jogo e o brincar, origem de todas as atividades sócio-criativo-culturais”.
- e) Teoria do *Self*, onde existe uma dialética entre o verdadeiro e o falso *self*. Uma das buscas primeiras do homem é o se sentir de verdade, espontâneo e criativo. Júlio de Mello realça que é a fonte da alegria e da saúde mental.
- f) Teoria da Comunicação, em que mostra aspectos da incomunicabilidade humana e da esquizoidia, como forma de preservação de si mesmo.
- g) Teoria da Regressão, na qual estuda a regressão nas análises como forma de descongelar etapas muito primitivas, o que só é possível através do *holding* do analista.
- h) Teoria do *Setting*, onde estuda a estruturação e significação do manejo que, muitas vezes, para os analistas clássicos, sugerem transgressões.
- i) Teoria da Contratransferência, onde mostra que ao lado dos aspectos comuns da contratransferência clássica existe outra, “verdadeira e objetiva”, que decorre do amor e do ódio do analista.
- k) Teoria Psicossomática, baseada na existência de um “psique-soma” inicial, do qual se desenvolverá a mente, com suas complexas funções. Talvez seja a teoria mais completa para uma compreensão da relação mente-corpo, ou seja, na formação da unidade que é o indivíduo.
- l) Teoria da Tendência Antissocial, consequência de privação ou deprivação, com roubos e outros aspectos agressivos, mas que representam um pedido e ainda mostra esperança em relação ao ambiente.

Essa sistematização é muito bem feita do ponto de vista didático e funciona como um hipertexto, ou seja, tudo acontece ao mesmo tempo e todos os pontos são interligados. O conceito de hipertexto é difícil para descrever, embora facilmente compreendido, ou seja, ao mesmo tempo que algo ocorre, milhares de outras coisas acontecem.

O filme *Babel* (2006), do diretor Alejandro González Iñárritu, conta vários eventos, em continentes diferentes, ocorrendo no mesmo tempo e de alguma forma relacionados.

Sérgio Kehdy

Assim eu vejo essa tabela acima, ou seja, teoria do desenvolvimento de várias capacidades que ocorrem simultaneamente e se completam. À medida que as relações de objeto ocorrem, a capacidade de estar só começa a se formar, assim como o sentimento de ser verdadeiro.

Vou realçar os aspectos que mais me tocam e que, no meu entender, são determinantes da alegria de viver, do sentimento de existir, da capacidade de amar e de respeitar a si mesmo e ao outro. Tendo, como pano de fundo, a criatividade tão fundamental para que a vida tenha sentido. De maneira pretensiosa vou descrever o meu “homem winnicottiano”.

A primeira das minhas fascinações é com o desenvolvimento psíquico, pois, para que ele ocorra o ambiente tem que criar um “local de aconchego”, o qual permita que essa tarefa sagrada da criação de uma pessoa aconteça. O que se chama ambiente de *holding*, que pode ser traduzido por suporte ou contenção, funciona por meio da mãe e essa capacidade funciona como uma “usina” de fornecimento de vida, pelas respostas e cuidados. Sempre digo que todo ato ético é também estético. Por intermédio do *holding* e do cuidar começa a ética, ou seja, propiciar sem qualquer intenção e com respeito que o bebê apareça como sujeito. Aqui cito a ética porque em essência, o *holding*, desde o início, busca a criação de uma alteridade.

Então, o ambiente de *holding* é para que o bebê exista. Tudo visa a seu crescer, o aparecimento dos potenciais originais, inclusive a dose de onipotência fundamental para que a atividade e a crença de ser cuidado floresça.

Resumindo: esse começo sendo favorável ampliará muito os horizontes de uma vida que poderá valer a pena ser vivida.

Vou destacar alguns aspectos que o ambiente de *holding* vai propiciar e que serão decisivos para uma vida próxima de plenitude, aqui entendida sem idealizações e com todas as tristezas e frustrações inerentes ao estar vivo.

Valorizo demais a dialética verdadeiro/falso *self*. Winnicott é enfático em dizer que o verdadeiro *self* não é notado quando predomina, algo que apenas “é assim” e não causa dúvidas, angústias ou dilemas (1960/1982, p.135). Parecido com a respiração da qual não se tem consciência se tudo está bem; não se sabe dos pulmões quando eles funcionam. O se sentir verdadeiro, o não pensar no que “se é” equivale a ser. As preferências, as escolhas, as ações são vividas como reais e, de um modo geral, aparecem em um clima de alegria, embora o poder estar triste também possa representar o verdadeiro. Estou falando de uma “alegria” intrínseca. Em alguns momentos, todos precisam de se adaptar aos outros e, temporariamente,

Donald Winnicott - Uma Visão Pessoal

abre-se mão do verdadeiro. Essas ocasiões são percebidas e não causam esvaziamentos ou estranhezas, pois tem-se a convicção do que está acontecendo e sabe-se que a integridade não está ameaçada. O predomínio do falso *self* é a sensação de futilidade da vida: por mais que se faça não aparece o sentimento de que “isso sou eu”. Na verdade a tônica é descobrir o que outro espera para que eu me transforme, ou a sensação de aderir a algum talento e transformar a vida nisso.

Alguns podem se tornar artistas famosos, procurados, mas que só existem pelo talento, embora fracassem como pessoas ou não têm existência. Vilete (2013, p.44) chamou estes últimos de Falso *Self* Grandioso. Comuto a convicção de ser de verdade como um dos aspectos mais importantes do psiquismo humano. Uma das principais atribuições do ambiente de *holding*, ou seja, permitir que o bebê mostre seus anseios. O ambiente bom é aquele que se adapta e não aquele que exige adaptações que possam custar a própria existência.

A criação do objeto transicional e o espaço potencial implicam o início do processo de separação-indivuação. O meio caminho entre o mundo interno e o externo. Nesse espaço ocorre a criatividade, pois “cria-se o que já existe”. A vida cultural, esportiva, os prazeres artesanais e todas as fruições prazerosas e verdadeiras ocorrem nesse espaço potencial.

Algo de original existe na leitura de um livro, na visão de um quadro, uma ousadia com algum tempero fora da receita, transformando o prato conhecido em algo personalizado e por aí vai a vida o que nem é percebido, mas se ocorre é vivido com grande satisfação. A capacidade de brincar determina e está sempre ligada a isso: uma vida sem brincadeiras é falsa, tensa e regida por falso *self* que teme a criatividade como coisa original e própria.

O terceiro aspecto que vou enfatizar é a trajetória da relação com objetos. A passagem da dependência absoluta para a busca da independência, que jamais é totalmente encontrada, mostra a trajetória da vida. Da situação inicial de não se distinguir entre sujeito e objeto, mãe e bebê formando a unidade, o exercício da onipotência e a convicção de que a mãe é criada pelo bebê, o objeto subjetivo, até os relacionamentos com os objetos de forma mais madura, em que há perfeita diferenciação entre duas pessoas, até o uso do objeto, ou seja, a percepção de que a realidade tem vida própria, que os outros existem mesmo, que muitas vezes geram conflitos e desagradados, mas que permitem ser usados e até amados. A onipotência foi elaborada até onde pode ser.

Sérgio Kehdy

Durante todo esse desenvolvimento, o *holding* continua sendo essencial, em cada fase precisa-se de respostas diferentes, e na verdade nada desaparece. Isso é incrível, pois a necessidade de objetos subjetivos aparece muitas vezes de forma cruel e ligada ao poder. Os objetos de amor são fundamentais para a estabilidade do *self*. A sua falta de repostas leva a situações que reeditam ameaças antigas e já vividas e podem até desencadear angústias intensas: se o desenvolvimento foi falho as faltas podem chegar a ser catastróficas. Os objetos internos não são suficientes para manterem o equilíbrio psíquico.

Com respostas adequadas consegue-se a capacidade para estar só, o que é possível porque se conseguiu uma representação firme do objeto de amor. Nessa toada poderia continuar e afirmo que todos os tópicos levam a sensações de existência plena.

As falhas nesses processos conduzem a quadros graves, que Winnicott classificou como casos em que faltou *holding* e a análise dita clássica não atingiria. Cabe ao analista criar um *setting* diferente, com poucas interpretações, baseado, fundamentalmente, na tentativa de conseguir um grau de regressão suficiente para que o paciente volte a acreditar e a utilizar o ambiente como fator de esperança de conseguir uma vida verdadeira, criativa e com capacidade de perceber como pode usufruir as coisas, em suma, voltar a acreditar que viver é bom e vale muito a pena.

Termino citando Khan: “Winnicott passou a procurar não apenas aquilo que leva os humanos a adoecer, mas aquilo que os leva a nutrir-se ao cuidarem uns dos outros em meio à herança cultural”(1957/200, p. 52).

Donald Winnicott - Uma Visão Pessoal

Referências

Khan, M. (1957). *Introdução. Da Pediatria à Psicanálise de Donald Winnicott*, Imago (2000).

Mello Filho, J. (1989). *O Ser e o Viver*. Artes Médicas (1989).

Winnicott, D. W (1960). *Distorção do Ego em termos de verdadeiro e falso self*. In *O Ambiente e o Processo de Maturação*, Artes Médicas (1979).

Vilete, E. (2013). *O falso self grandioso*. In: *Sobre a Arte da Psicanálise* (2013).

Sérgio Kehdy
sergiokehdy@gmail.com